

O Progresso Catholico

.... sequor autem, si quo modo
comprehendam....»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

.... ad ea que sunt priora extendens meipsam
ad destinatum persequor, ad brachium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 12.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã* (XIV — A devoção do religioso, frade ou freira), pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *A impostura*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida; *A enfermidade social e a sua cura radical*, pelo ex.^{mo} snr. Plácido de Vasconcellos Maya; *Excessos!* pelo ex.^{mo} snr. Dom Antonio d'Almeida; *A verdadeira Bernadette de Lourdes* (cartas do Mons. Ricard ao snr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre a revogação d'um rescripto de Sua Santidade, ou recurso chamado «aperitionis oris»*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Acerca do fim; Sedecias; Aos governos*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *A verdadeira Lourdes* (II), pelo ex.^{mo} snr. Falcão de Lima. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Iniciação do Soberano Commendador do Templo; A Immaculada Conceição*, elap redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

Gravuras: *Iniciação do Soberano Commendador do Templo; A Immaculada Conceição.*



INICIAÇÃO DO SOBERANO COMMENDADOR DO TEMPLO

SECCÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XIV

A DEVOÇÃO DO RELIGIOSO
FRADE OU FREIRA

A DEVOÇÃO cultivada lá no interior do claustro onde o murmúrio lissonjeiro das vaidades humanas não chega; onde as tremuras dos falsos ídolos não causam commoção, nem os sorrisos da malícia seduzem, nem rumores das novidades perturbam: allí a devoção se embala, cresce e perfumada e formosa eleva-se até o céu.

Cá no mundo as virtudes tornam-se raras como os oasis no arido deserto, como os lyrios entre o tojo, como as arvores gigantes nas altas serranias: mas allí surgem como a herva nos prados, como as boninas em amena ribanceira e como os lyrios no valle humbroso.

E' o coração humano o mais mimoso jardim por Deus formado para que n'elle podesse o homem cultivar flores cujo aroma até ao céu chega e em cuja formosura os proprios anjos se revéssem: mas n'esse terreno fecundo, como em todos os que o são, com o trabalho do homem dão-se preciosas flores e saborosos fructos; mas se o homem, por desleixo, o não trabalha com a maior espontaneidade, se converte no silvado mais impenetravel ou no mais medonho matagal. E mais ou menos prosperam n'elle as flores quanto com maior ou menor esmero o dono trabalhar n'elle.

E' por isso que n'esse espirital jardim lá no claustro mais as virtudes crescem e se multiplicam, porque allí dia e noite, sempre com o maior esmero e com o mais apurado tacto, os seus donos cuidam d'elle.

Foram, são e serão os claustros o riquissimo museu de todas as preciosidades christãs.

São tambem o grande reservatorio onde se conserva pura toda a seiva fecundadora dos primitivos dias da nossa fé.

Alli a lei observa-se no seu rigor; os conselhos evangelicos praticam-se, tornando assim palpavelmente practico o que o mundo nescio teve e continua tendo por impossivel ás humanas forças.

Ali, n'esses centros de vida espirital, a par que sublimemente christã e racional, a devoção é mais pura e mais extensa, mais profunda e mais sublime, mais forte e mais formosa, mais suave e mais attrahente. E' pura como os lyrios do valle, immensa como

o amor divino, profunda como os mysterios d'esse amor, sublime como a celestial Jerusalem, forte como a torrente das aguas, formosa como a aurora de um dia eterno, suave como as brisas perfumadas do oriente em plena primavera, attrahente como os psalms do Propheta Rei.

E' ella a mais sublime inspiração do Evangelho traduzida em hymnos amorosos que vão perder-se na immensidade das delicias d'um mundo infundo de prazer e encantos.

E' um mar de rosas onde se lançam almas privilegiadas para allí nadar sem pretenderem d'alli sair, porque lá encontraram mais delicias ainda que as que sonhar podiam.

A devoção cá fora é boa, mas escassa, como o tempero da comida: no claustro é abundante e tanto que vem a ser ella o sustento delicioso d'aquellas almas.

Cá as devoções cansam, lá não satisfazem nunca.

No mundo as filhas murmuram da mãe que reza muito e criadas ha que se despedem depressa das amas que lhes fallam em oração e sacramentos, porque tem o paladar afeito ás cebollas do Egypto.

No claustro não se murmura nem foge alguém do que é bom e santo: mas quando alguém se queixa é de ter pouco tempo para as suas devoções, que não são outras que as das suas irmãs.

Oh! ali a devoção não é d'alguns momentos, é, como deve ser, constante. Erguem-se devotamente orando e devotamente vão-se vestindo e não interrompem a oração piedosa e santa; e devotamente vão consagrar-se de novo ao seu Deus e Senhor no templo, em tanto que na santa missa novamente o Redemptor se offerece ao Eterno Padre pelos filhos dos homens.

D'alli saem temperados, fortes, para supportarem alegres o trabalho do novo dia e resistirem triumphantes á fraqueza propria e á tentação extranha.

Alegre, cada qual pega no seu trabalho e com a oração o acompanha, a Deus o offerece, e, como para Deus, devotamente bem trabalha.

A' mesa de Deus que o sustenta, se lembra com gratidão e comendo ora, e corpo e alma em cada refeição alimentada.

Nas horas de recreio do que mais amam, conversam e fazem da devoção delectante passatempo.

E ao primeiro signal do cimbalillo tornam alegres ao seu lidar e lidando oram e orando lidam, porque vão na devoção nadando.

Quando termina o dia e a noite chega e se reconcentram mais os espiritos, a fecunda devoção no claustro cresce, a

oração se multiplica, o silencio reina, a lampada do sanctuario inspira e o palido luar com os seus mysteriosos reflexos convida á mais profunda meditação, e n'essas horas em que as flores fecham seu calix e guardam os seus perfumes e os filhos do mundo dormem, jogam ou dançam, lá no claustro eleva-se até em nuvens serenas os purissimos perfumes da mais meiga devoção.

Estão ali vigilantes as guardas avançadas da milicia christã que de dia lutaram nos reductos de maior perigo e de noite guardam os castellos fronteiriços.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECCÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 223)

CCXLIII

Carlos Manuel, ex-rei de Sardenha

Não podemos deixar de inscrever n'esta Galeria o nome d'um homem que nos fins do seculo passado e principios do presente empunhava o sceptro d'uma das mais illustres monarchias de Italia, e que então se achava em guerra com a republica franceza: é Carlos Manuel IV, rei de Sardenha e do Piemonte.

Effectivamente, este principe virtuoso, que por espaço de seis annos occupou o throno, morreu no seio da Companhia de Jesus, como verdadeiro filho de Santo Ignacio.

Alguns auctores não exprimem claramente esta circumstancia da vida de Carlos Manuel, dizendo apenas que elle, abdicando a corôa, vivera em Roma unicamente entregue a exercicios de piedade, fallecendo allí santamente.

Foi jesuita, repetimos, e como tal deve ser considerado. E' um facto notabilissimo dado no seculo presente.

Carlos Manuel nasceu em Turim a 24 de maio de 1751, sendo filho de Victor Amadeu III, rei de Sardenha, e de sua esposa Maria Fernanda de Hespanha. Teve logo o titulo de Principe do Piemonte, como herdeiro presumptivo da corôa. Foi cuidadosamente educado por seus paes, mas em grande parte deveu a sua educação moral ao sabio Cardeal Gerdil, barnabita, seu mestre, que lhe inspirou os verdadeiros principios religiosos. E elle professou esses principios em toda a sua vida.

Consocei-se, a 27 de agosto de 1775, com a princeza Clotilde, irmã de Luiz XVI, rei de França.

Por morte de seu pae a 16 de outubro de 1796, Carlos Manuel subiu ao throno de Sardenha, achando-se então o seu paiz em guerra com a republica franceza. Sem meios de poder resistir ao inimigo, e ainda por outros motivos, viu-se obrigado a abdicar o sceptro em seu irmão o conde de Aosta, que reinou com o nome de Victor Manuel I, a 4 de junho de 1802.

Sua esposa Clotilde já tinha fallecido santamente a 7 de março do mesmo anno. Carlos Manuel partiu para Roma, onde viveu inteiramente desprendido das coisas do mundo, não querendo ouvir fallar senão das coisas do céu.

Na capital do mundo christão foi amado dos mais illustres membros de varias congregações religiosas, sendo por algum tempo seu confessor o veneravel P. José Pignatelli, da Companhia de Jesus.

Sendo em 1814 restabelecido solememente por Pio VII o instituto de Santo Ignacio, Carlos Manuel resolveu entrar n'esta Ordem, o que executou em Santo André do Quirinal a 11 de janeiro de 1815.

Vestindo a roupeta jesuitica, foi rigoroso observante da regra do seu instituto. Ali viveu quatro annos, perdendo a vista nos ultimos tempos, desgracia que supportou com toda a resignação.

Falleceu a 7 de outubro de 1819.

O seu cadaver, segundo elle dispôz, foi inhumado na igreja de Santo André. Ali lhe erigiram os ministros de Sardenha um mausoleu com uma inscripção que rediz todos os titulos soberanos de Carlos Manuel; mas esqueceu-lhes mencionar um que lhe foi mais caro — o de jesuita; pois que desceu voluntariamente do throno para morrer sob o habito da Companhia de Jesus.

E' provavel que um dia Carlos Manuel seja elevado ás honras dos altares; a Sagrada Congregação dos Ritos já em 1892 tomou em consideração a sua beatificação. Sua esposa Clotilde foi declarada veneravel por Pio VII a 10 de abril de 1808.

Notaremos por fim que a casa real de Saboya teve sempre principes virtuosos e santos. Hoje, porém, que diremos dos seus ultimos successores? . . . E' melhor o silencio.

(Continúa)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

A impostura

ESTA figurona que em todos os seculos, mais ou menos escariotica, tão indignamente tem abusado da boa fé

e da serieidade, vae hoje levar para tabaco.

Um dos grandes males, senhores, que em todos os tempos tem grassado e grassa entre os homens novos ou velhos, tortos ou direitos, — salvando as devidas excepções, que em tudo as ha, — é a impostura.

E tão arreigada está esta especie de lepra contagiosa que, para a generalidade dos enfermos, quem não é impostor não presta para nada, não se lhe dá importancia alguma.

Em tudo ha impostura, senhores. E homens ha tão impostores que até na aquisição de amigos o são; e são-n'o para que até os cães da rua invejem a sua deslumbrante popularidade!

Mas tudo vaidade. . . loucura sobre loucura; porque esses homens que extensamente fabricam amigos a torto e a direito, semelhantes á leviana que chega a não gostar de nenhum homem, embora os lisonjeie a todos, ou ao libertino que por fim já não liga importancia a mulher alguma, por mais perfeita e amavel que ella seja, salvo se interesse d'outra natureza a ella o prende, chegam finalmente a não ser amigos de ninguem, embora o pareçam, não só porque, convictos do que são, cuidam que todos os outros são como elles, mas tambem porque a sua chata vaidade está satisfeita. Apparentemente todo o mundo é seu amigo!

A impostura, senhores, é sempre má, e nunca pôde dar bom resultado; porque quasi sempre anda de mãos dadas com a hypocrisia, com a vileza e com a velhacaria, suas amigas e companheiras. Se em certos casos o tem dado e o dá, *nec semper lilia florent*; porque não é quando se usa para com pessoas mais ou menos sérias.

Quasi todo o homem tem um bocadinho de impostura, se não em tudo, n'alguma coisa; mas o impostor de profissão eu vol-o apresento:

No meio d'alguns suppostos amigos que recebe com demasiadas atenções, ás vezes tão desnecessarias como vexatorias, murmura dos ausentes, e vice-versa, quando presentes aquelles são: isto é, diz mal de todos a todos alternativamente, e tudo isto. . . para fazer amigos!

Mas para melhor se avaliar o que é a sua impostura, basta dizer-se que, se por acaso algum dos murmurados entra na occasião, como muitas vezes acontece, é para vêr-se, ó vileza, o detractor a prodigalisar-lhe escarioticas atenções! E se é homem d'uma certa posição social, de quem elle depende ou julga depender. . . então, senhores, por pouco lhe não beija os divinos pés. . .

Ora isto é degradante, isto envilece; porque não é só impostura, é algo mais; mas aquella gente tem d'estas e d'ou-

tras coisas: por fóra tudo esplendurando lumes, por dentro. . . apenas fogos luzidos!

E dizem os impostores mais famigerados d'estes tempos que a impostura é tão util como necessaria. Será, não dizemos que não, mas lá para elles que facilmente se intendem e se congregam, não para certa gente; porque temos conhecido homens que a aborrecem a ponto de fugirem d'encontrar-se com os impostores mais reconhecidos pela sua incontestavel erudição.

Maldita impostura que em tudo negrejas! Na pergunta; na resposta, no rir, no fallar, no offerecer, no acceitar, no vender, no comprar, no trajó, no andar, no prometter, no faltar, no pedir, no dar, no sorrir, no dizer contrafeito. . . em tudo figuras, maldita! Até no ir á egreja ou nunca lá pôr os pés, e talvez no sonhar a to!

Só n'uma coisa ha pouca impostura: é no saber, no saber-se o que se deve saber; porque a maior parte dos impostores são chatos como um bacalhau sueco!

Não ha nada mais bonito do que o ser franco e chão: o que é, é; o que não é, não é; mas d'isto ha pouco, porque a impostura tem feito largos progressos nos espaçosos arraiaes da sandice hodierna!

E' ponto. Terminaremos com a seguinte composiçào metrica, já que tanto a proposito vem, a que nos praz dar o grato nome de

Um par d'elles

—O' meu amigo fulano!
—O' meu dilecto cierano! . . .
—Não sabes quanto te quero!
— Nem tu como te idolatro! . . .
E ambos, com ar nuí sincero,
Dão as mãos como em theatro
Dous amigos verdadeiros;
Pois com modos prazentoiros
Se despedem já andando
Entre dentes murmurando:
—E' um asno este fulano!
—E' um bruto este cierano! . . .

Bem se vê que se conhecem e que são dignos um do outro.

ALVES D ALMEIDA.

A enfermidade social e a sua cura radical

A PERTURBAÇÃO e a desordem que se observam nas ideias, as theorias absurdas e disparatadas, que surgem por toda a parte, denotam a ausencia completa d'um criterio seguro pelo qual a razão humana possa distin-

guir o bem do mal, a verdade do erro, a justiça da injustiça. O erro em que laboram uns, a perversidade e as más paixões que dominam outros, dão origem a essas perturbações, que assignalam o presente seculo, e que tantas ruínas e desgraças teem produzido e tantos obstaculos teem posto aos progressos da verdadeira civilisação.

Todos esses males teem uma unica origem: a falta do temor de Deus e o arrefecimento do zelo religioso, ou por outra, o desprezo do Decalogo, que é a unica tabua de salvação para a humanidade no meio das tormentas do mar da vida.

O orgulho e a soberba humana arrastam a humanidade ao esquecimento dos seus deveres para com Deus, para consigo e para com os outros; e d'ali resultam esses choques d'interesses, que dão origem ás desordens intellectuaes, moraes e phisicas que por toda parate se manifestam.

Se a maioria dos homens abrisse os olhos á luz pura que mana das sagradas paginas do Evangelho, se tivesse o bom senso, para perscrutar sem preconceitos os factos da historia e as tradições da humanidade, comprehenderia que em todos os tempos, desde a mais remota antiguidade até hoje, sempre, no zelo e fervor religioso dos povos, correspondeu um augmento nas prosperidades publicas e privadas, e que, pelo contrario, no esquecimento e desfallecimento no cumprimento dos deveres religiosos, correspondia infallivelmente a decadencia e o soffrimento social. Logo, por uma deducção logica se chega á conclusão de que só a religião possui a virtude de fazer a felicidade dos povos guiando-os com segurança ao seu supremo destino.

Sendo isto assim, parece-nos que o primeiro cuidado da sociedade deveria ser generalisar o mais possivel o ensino das verdades eternas, pois que está ali toda a sciencia. Diz-nos a doutrina do Evangelho que todo o poder vem de Deus, *omnis potestas á Deo*, por isso os reis e todos os magistrados e auctoridades tanto religiosas ou ecclesiasticas e civis são representantes de Deus na terra, e que, quem desobedece a estas auctoridades, desobedece ao proprio Deus. D'aqui resulta a obrigação moral de obedecer aos mandados e ordens d'essas auctoridades.

Diz a mesma doutrina, que tudo quanto existe na terra e todos os bens e riquezas, que constituem o patrimonio da humanidade, pertence e é de Deus, e que os seus actuaes possuidores são apenas depositarios d'essas riquezas, que teem a obrigação de, na sua administração, observar a lei ou regulamento imposto pelo mesmo Deus, o Decalogo. N'essa lei é imposta ao

homem a obrigação d'amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nós mesmos.

Mas porque ninguem cumpre estes deveres, reina a desordem e a desolação no mundo.

A auctoridade abusa do poder; o subdito não respeita como deve os mandados da auctoridade; o rico e o poderoso abusa das riquezas e do poder, e em lugar de usar dos seus bens consoante os preceitos de Deus, faz d'elles ostentação vaidosa; em lugar de distribuir pelos pobres o que lhe sobra da sua modesta e sobria vida, compra ricos vestidos, opulentas baixellas, luxuosas equipagens, quando não as consume em desordens e futilidades! Como ninguem observa como é obrigado a lei de Deus, por isso vemos e sentimos os males que, por toda a parte, nos assoberbam.

Mostremos que temos juizo e que desejamos o nosso bem e o do proximo; para isso concorramos com todas as nossas forças, ensinando por todos os modos, principalmente pelo exemplo, que é a lição mais proficua, as verdades eternas, e assim concorreremos, pela nossa parte, para o restabelecimento da paz e da harmonia social, que são o fructo d'um bom regimen social. Sem temor de Deus, sem submissão aos preceitos do Decalogo não ha bom governo, não ha prosperidade publica, porque a verdadeira prosperidade está na virtude.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

Excessos!

A SOCIEDADE actual é uma sociedade de excessos mais ou menos reprehensíveis, e quando pouco reparáveis com desgosto do sério pensar, os excessos não se podem dar no bem verdadeiramente entendido, pois que os homens de mente sã, e assim conhecedores do fim para que Deus creou o homem, sabem, que só podiam ser excessivos se elles fossem capazes de exceder em seus actos o Infinito!

A vida reprehensivelmente excessiva gasta e mata; verazmente é notado isto na sociedade moderna e o argumento é de que ella morrerá ou tem de procurar vida nos principios eternos.

Os excessos são notados em tudo onde está accentuado o modernismo:—o phrenesi intellectual no pensamento de como pôde ser obtido o maior gozo de bens temporaes mesmo sem escrupulo de consciencia bem formada, mas procurando-se apenas, e ainda quando se procura, passar por honrado no

juizo de certos homens para que estes possam prestar auxilio aos excessivos; um comer, beber e fumar, até gastar as forças por um emprego excessivo d'estas, e ainda as orgias em vez do descanso nocturno reparador; uma aspiração excessiva aos titulos que inculcam, embora haja incapacidade para os haver com justiça; uma sobrançeria grosseira, embora tanta villania na presença dos poderosos mundanos, resultados da excessiva falta de educação ou de má educação, que é peor que a falta absoluta d'ella; um epicurismo não menos excessivo que os do proprio Epicurio «comamos, bebamos, durmamos, e amanhã morremos», ajuntando os epicuristas modernos o divertamos e sem o morreremos, pois uma das maiores loucuras-impias n'estes tempos é afastar o pensamento da morte, aliás tomando todos esta de continuo e nunca se tendo dado um louco-impio que dissesse «não hei de morrer»; uns arrebiques, sempre os excessos, procurando umas vezes parecer mais idoso e outras de menos annos para agradar pelo externo sem o cuidado do interno; a excessiva condescendencia com os filhos em menoscabo do patrio-poder; a excessiva desconsideração por o respeito á puericia e contra a sentença: *Maxima puero debetur reverentia!*; o excessivo intuito de dar força ao individuo enfraquecendo a collectividade, não obstante ser a somma das individualidades; os excessivos esforços para apagar tudo que é velho e para que fique só o que é novo sem mais merito que o de ser novo, embora por paus e por pedras: *Récedant vaetera, nova sint omnia* é o programma cego do modernismo; os excessos mais excessivos são a ordem do dia n'estes tempos tão desordenados.

O que fica apontado é bastante para demonstrar quanto está desequilibrada gravemente a sociedade, que os loucos dizem civilisada e em progresso; os termos estão trocados e assim as cousas são ditas ao contrario do seu verdadeiro sentido; a mentira está audaciosa, mente-se descaradamente e sem reboço.

O pae da verdade é Deus; o pae da mentira é Satanaz; a regra está com a ordem, os excessos estão com a desordem, e isto debaixo de todos os pontos de vista que abrangem o homem, esta creatura que Deus creou tão nobre que a pôz acima de todo o creado e mais ainda formou-se á sua imagem e similhaça e com a capacidade para poder gozar a bemaventurança eterna! E o homem abaixa-se de tão grande altura para se infelicitar pelos seus excessos que já no mundo produzem-lhe sua desgraça, embora lance mão de todas as illusões, que só por momentos

quando muito chegam a enganar-o; a doutrina de Deus assim nol-o adverte, a experiencia assim nol-o prova!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR
MONSENHOR RICARD, PRELADO DOMESTICO
DE SUA SANTIDADE

Cartas ao snr. Zola

(Continuado de pag. 226)

XII

Monsenhor Freppel e o deputado franc-mação—*Esperamos que o não seja—*
O fim d'uma predestinada.

UM dia — narra o snr. Guy de Pierrefeu — o eloquente e chorado Monsenhor Freppel entr. tinha-se com um dos seus collegas no parlamento, muito hostil ás aparições de Lourdes.

O Bispo d'Angers disse á queimadura ao seu collega :

—O senhor confessa então estar desarmado perante os factos sobrenaturaes de Lourdes?

—Não dizemos isso, replicou energicamente o deputado em questão: é possível que um litterato em voga ponha, um dia, o seu talento ao serviço da nossa causa, e n'esse dia V. Rev.^{ma} terá perdido a sua causa.

Aqui, accrescenta o auctor do *Triumpho de Lourdes*, terminam as revelações do veneravel Prelado.

Mas não estamos nós no direito de pensar, lendo as suas ultimas palavras, na vinda fortuita d'um litterato em voga? Occorre-nos o nome do snr. Zola.

O plano era habil. Em França, logo que um homem surpreheude e encanta por algumas phrases felizes, concedem-se-lhe immediatamente todas as homenagens.

N'outra parte sabe-se distinguir entre a philosophia e a litteratura, a rhetorica e o senso commum; mas em França, desde que um homem encontrou a arte magnifica de dar cadencia a palavras harmoniosas, são-lhe decretadas todas as honras da apothese. Não será sómente poeta, mas pensador, mas philosopho, mas theologo; será completo, será tudo porque assim o quer o enthusiasmo publico.

E' o que faz com que nós colloquemos normalistas á frente da Marinha e engenheiros no Ministerio da Guerra.

Para falar da lua, é preciso ter lido ao menos um livro de astronomia, e para falar de Deus não ha necessidade de abrir um livro religioso!

Bernadette dizia a um dos seus juí-

zes, que lhe objectava que as suas affirmações eram contrarias á sciencia: «Snr., eu não sei o que é sciencia, e por isso nunca falo d'ella; o snr. não sabe quem é Deus e não cessa de falar d'elle.»

Oxalá que o auctor conhecido ou desconhecido, enviado pelos II., se lembre das palavras da joven Vidente!

Não quero terminar, senhor, com esta dolorosa evocação.

Custa-me muito, confesso, como padre, como christão, e, deixe-me até dizel-o, como provençal, deter-me n'este cruel pensamento, de que o antigo visinho de Nossa Senhora de la Seds podesse aceitar semelhante papel!... Limito-me a lastimar que a revelação do grande Bispo d'Angers faça pensar na empreza, encetada por v. ex.^a, de escrever a historia romanescas das aparições e dos prodigios de Lourdes para lhe impugnar o caracter tão evidentemente sobrenatural.

Uma palavra para terminar.

Porque não disse v. ex.^a nada sobre as iniciativas do grande Papa Leão XIII, a respeito de Nossa Senhora de Lourdes? Certamente este Papa nunca passou por espirito fraco, nem por ser inclinado ás devoções novas.

A auctoridade suprema da Igreja confirmou o juizo do Bispo da diocese. O immortal Pio IX, reconhecendo a *luminosa evidencia da recente aparição da clementissima Mãe de Deus*, (são estas as palavras textuaes) fez coroar em seu nome a estatua de Nossa Senhora de Lourdes; o grande Papa actualmente reinante, acaba de conceder missa e officio proprios em honra de Nossa Senhora de Lourdes.

Este acto de Leão XIII não deve passar despercebido. O Papa é inimigo da superstição; era necessario muito espaço para enumerar as praticas religiosas que elle tem condemnado.

—Sou o successor de S. Pedro—dizia elle, um dia, ao Cardeal Lavignerie, mas sou o continuador de Santo Thomaz.

Antes de se pronunciar ácerca de Lourdes, Leão XIII estudou durante cinco annos esta grave e delicada questão. Nunca se fez um inquerito mais minucioso e mais imparcial.

Porisso pôde responder a um Prelado que lhe exprimia o seu desgosto vendo-o obstinar-se em não cobrir com a sua alta approvação uma outra peregrinação:

—Se Nossa Senhora de... me fecha as portas do céu, Nossa Senhora de Lourdes m'as abrirá francamente.

Se Pio IX merece o sobrenome de Pontifice da Immaculada Conceição, Leão XIII tem direito ao sobrenome de Papa de Nossa Senhora de Lourdes.

Realmente, o Papa que dirige a Igreja

tem uma particular devoção a Nossa Senhora de Lourdes.

No sitio mais mysterioso e mais poetico dos jardins do Vaticano, entre bellas collinas, eleva-se um *jac-simile* da Gruta de Massabielle. Na cavidade do rochedo brilha uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

Leão XIII, segundo nos disseram, faz-se levar á Gruta na *Sedia gestatoria* e tem um gosto especial em cuidar das flores e das hervas que a rodeiam. Tendo-lhe um Cardeal perguntado porque preferia aquelle sitio, Leão XIII respondeu: Amo-o, porque é o meu pedacinho da França.

Sob um montão de hera, corre uma fonte n'uma bacia de porphyro. A agua é de França, é agua de Lourdes enviada pelos Padres.

Leão XIII, depois d'um longo passeio nos jardins do Vaticano, volta á Gruta, onde recita o Terço de Bernadette e onde bebe um copo d'agua miraculosa, que lhe é apresentado por um Cardeal do seu sequito. (1)

Faltaria, porém, á justa expectativa dos meus leitores se fechasse estas cartas sem ter dito o fim da piedosa menina.

E será esta, senhor, a resposta aos extranhos devaneios que v. ex.^a attribue á Irmã Maria Bernarda no fim do seu romance, devaneios que me recordam as phantasias attribuidas por Kenan a Jesus agonisante no horto de Gethsemani.

A 11 de dezembro de 1878, no seu querido convento de Saint-Gildard, a Irmã Maria Bernarda acabava de retomar na enfermaria o seu leito de dôr, d'onde devia partir para o céu. Sofrimentos crueis acabavam de purificar a doce victima.

No dia seguinte mostrava-se feliz por se entreter, com um mensageiro de Nossa Senhora de Lourdes, sobre os annos da sua infancia, e sobretudo sobre as doces recordações da Gruta. Sempre sorridente, com uma alegria sensivel e quasi infantil, Bernadette repetia na sua lingua materna as palavras proferidas pela Virgem Immaculada.

Pronunciou tambem as palavras ineffaveis de 18 de fevereiro:

«Prometto tornar-te feliz, não n'este mundo, mas no outro.»

De repente o rosto pallido e emmagrecido da religiosa coloriu-se vivamente, os grandes olhos brilharam radiosos atravez de doces lagrimas; a sua voz trahiu a commoção profunda da sua alma: o humilde reconhecimento e o amor cheio de confiança transbordavam do seu coração á lembrança da promessa ineffavel de sua Mãe. Alguns dias

(1) Guy de Pierrefeu, ob. cit.

ainda e a doce promessa estaria cumprida; Bernadette adormecia murmurando a Ave Maria da Gruta, sempre fiel á «Virgem fiel».

(Continúa)

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre a revogação d'um rescripto de Sua Santidade, ou recurso chamado *aperitionis oris*.

UM Bispo, desejando o bem das almas, pediu á Santa Sé a graça de poder dar a um arcepreste gravemente enfermo, sem esperança de cura, um coadjutor com futura successão. Designou o sacerdote Antonio, que foi cura do dito arcepreste por algum tempo, e pediu que pudesse ser nomeado sem concurso, approvando-o só em exame particular, com a pensão de 505000 reis sobre os fructos do beneficio. Sua Santidade, em Rescripto de 11 de fevereiro de 1884, concedeu a graça pedida. Mas como a Dataria tardasse em expedir a Bulla, entretanto subiram á Sag. Cong. do Conc. queixas graves sobre os antecedentes do sacerdote, a quem suppunham indigno do cargo parochial por falta de sciencia, pelo seu character e pelo seu modo de proceder, sem embargo de o favorecer a Curia episcopal.

Então foi commissionedo um Prelado para que fizesse com diligencia as averiguações convenientes, e, tendo sido favoraveis ao sacerdote, pareceu ficar desvanecida qualquer difficuldade. Não foi assim. Em 12 de maio, certo advogado da Curia Romana, sem constar por incumbencia de quem, apresentou uma carta do Vigario geral de Bolonha, na qual se accusava de graves torpezas o mencionado sacerdote, pedindo porisso á Dataria Apostolica que readmittisse o recurso de *Nihil transit* sobre a provisão da Coadjutoria contra o Rescripto de 11 de fevereiro de 1884. Dada conta da questão a Sua Santidade, remetteu-a ao exame da Sag. Cong. do Conc. com as facultades *necessarias e opportunas e com a clausula aperitionis oris contra o Rescripto de 11 de fevereiro de 1884.*

Allegadas as razões que favoreciam e as que prejudicavam o sacerdote Antonio, fizeram-se á Sag. Cong. as duas seguintes perguntas:

1.^a Se ha motivo n'este caso para o recurso chamado *aperitionis oris*.

2.^a Se deve tomar-se, e qual, providencia n'este caso.

A referida Sag. Cong., em sessão de 6 de setembro de 1884, dignou-se responder:

A' primeira, negativamente em absoluto.

A' segunda, está prevista na primeira contestação.

DEDUÇÕES

1.^a Para que possa interpôr-se queixa e recurso *aperitionis oris* contra os decretos do Romano Pontifice, é indispensavel demonstrar d'uma maneira evidentissima que o dito decreto padece de vicio de obreppção ou de subreppção.

2.^a No caso actual faltava a razão do recurso *aperitionis oris* contra o Rescripto, em virtude do qual o Summo Pontifice concedeu ao sacerdote Antonio a coadjutoria com futura successão; porque não se póde apresentar prova juridica bastante da indignidade do dito sacerdote para o referido corpo.

3.^a O dito recurso nega-a com razão quando se não haja demonstrado o vicio de obreppção, para impedir opportunamente as calumnias dos litigantes e fechar a porta a todo o litigio que se reconheça desde logo injusto.

4.^a A idoneidade dos sacerdotes para o cargo parochial deve medir-se pela sua sciencia e probidade de vida, além da idoneidade relativa, segundo a classe de parochias á frente das quaes hajam de ser postos.

5.^a A sufficiencia do sacerdote em questão, tanto no concernente á sciencia como á probidade de vida, como á idoneidade referente á parochia para a qual o elegeram, demonstrou-se pela declaração de muitas testemunhas; particularmente pelo attestado da que o elegou, e finalmente pelo Rescripto do Summo Pontifice.

6.^a As declarações das testemunhas contrarias ao processado devem ser tidas como de nenhum valor e effeito por serem suspeitas; qualquer inimidade é bastante para repellar a testemunha, para que não se proponha o o inimizado prejudicar, ou o injuriado vingar-se.

7.^a As inculpações do caso parecem calumnias, porque faltou a prova formal dos factos imputados, e procediam as accusações d'inimigos do sacerdote Antonio.

SECÇÃO LITTERARIA

A'cerca do fim

Além da vida, n'uma campã fria,
Que resta ao homem da loucura humana?
A fria cinza que alli jaz sombria,
Extinctas sombras d'esta vida insana

Assim, ó homem, não te illuda a vida,
Fallaz sorriso, transitorio engano!
Oh! não olvides a fatal partida
Perante o nada... de um sorrir humano!

Além da vida que tão mal vivemos
Um'ontra vida nos aguarda ainda:
E' Deus que o diz: e todos nós sabemos
Que, boa ou má, ella é perpetua, infinda!

E' Deus que o diz na san verdade eterna
Do Protomartyr que na cruz penou:
Jesus o diz quando no Pão se interna
Na especie humana que na cruz salvou!

E n'osso Pão aonde intacto existo,
A' gloria eterna nos convida então;
Mas ai d'aquelle que no erro insiste,
Ai d'esse reprobo... infernal tição!

No fogo ardendo do profundo averno,
Soffrer sem fim o sou soffror sorá;
Porém um goso perennal, eterno,
O bom christão ao pé de Deus terá...

Quem só na terra sua esp'rança funda,
Errado vive, miseravel morro!
Que á hora extrema, quando a nau se afunda,
Ninguem nem algo a soccorrel-o corre!

Ao céo, ao céo remonte a nossa esp'rança,
Que a pobre terra pouco tem que dar-nos:
N'ella só temos a fatal herança
Da escura valla aonde vão deitar-nos!

Além da vida, n'uma campã fria,
Que resta ao homem da loucura humana?
A fria cinza que alli jaz sombria,
Extinctas sombras d'esta vida insana!

Sedecias

Lamenta, Jerusalem,
De tous filhos a do-graça...
Que ao longo, de praça em praça,
Stendem n'a mão ao desdem
Do louco orgulho que passa!

Mas sobre tudo lamenta
A tu propria loucura...
Em consentir! a bravura
Que Sedecias alimenta
Contra o que o perder procura!

Porque te não entregaste
Com o sabio Jeremias,
Cuja predicção devias
Acatar, já que a buscaste
Quando perdida te vias?...

Quem se entregar, viverá,
Te disse o que consultaste;
Mas quem resistir ao traste,
Sabe, ó rei, que morrerá:
— E tu, Sedecias, teimaste...

Para que é que, ó desgraçado,
Resististe á prepotencia
Que, panda de troculencia,
O throno te havia dado,
Como que por complacencia ?

Para soffrer o inferno !
Para ficares sem olhos,
Para colher os abrolhos
D'um desterro sempiterno,
Palpando por entre escolhos !

Quo tristes metamorphoses !
Porque tu, ó mundo, passas !
Que montlhões de desgraças,
Que successos tão atrozes
No morno sangue das praças !

Que importava um rei de menos
Ou um tyranno de mais ?
Mas n'ostas teimas reas . . .
Quem soffro são n'os pequenos
Que morrem como pardaes ! . . .

Jerusalom conquistada
Por Nabucodonozor . . .
E' quadro cheio de horror,
Porque nada alli tem vida
Se não n'o escravizador !

Rios de sangue correram !
E tal foi a adversidade
Que alguns pobres da cidade
Até seus filhos comeram,
O' assyria . . . atrocidade ! . . .

Lamenta, Jerusalem,
De tous filhos a desgraça . . .
Quo ao longo, de praça em praça,
Stondem n'a mão ao desdom
Do louco orgulho que passa !

Aos governos

— A monarchia não presta,
Ruga o sedço mação
Que contra os thronos assesta
A cratera d'um vulcão:
— Que os rois alcem n'a Igreja,
So querem quem n'os proteja.

— A monarchia é um nojo.
Rouqueja a revolução
Com o satânico arrojão
Quo llo provém de Plutão:
— Agarrao-vos, ó regentes,
A' Lei das leis mais prudentes.

— Monarchia e Tyrannia,
Regouga a negra torpeza . . .
Cá para a senhora orgia,
Diz o moço com corteza:
— A' Igreja, monarchia,
So não triumphá a anarchia !

— Abaixo os thronos da terra,
Ruge ainda a corrupção
Que hoje quer vêr se desterra
Do mundo a lei do christão:
— Mas não é para Terous
A extineção da Lei de Deus !

Ha já larguissimos annos
Quo tudo anda desmandado:
Que mil flagícios, mil damnos,
Nos tenham desenganado:
Só a doutrina de Christo
Poderá . . . pôr termo a isto . . .

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A verdadeira Lourdes

11

A REVELAÇÃO deu ao mundo as idéas mais justas, mais precisas, mais certas, mais solidas e mesmo mais racionais sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo.

A razão philosophica não tem accetado estas idéas; tem-n'as combatido, tem querido pelo menos tornal-as suspeitas, duvidosas, e tem proposto como problemas ainda a resolver, as verdadees fundamentaes da religião. Como resolver estes *problemas*?

Para explicar a existencia do mundo, não tem sabido fazer outra cousa senão restaurar o *Dualismo*, o *Pantheismo*, o *Materialismo*, tres systemas que, como ha muito é evidente, se valem todos da auctoridade de seus pretendidos inventores, pelo absurdo dos seus principios, pelo horror das suas consequencias.

Não tem podido n'uma palavra, decidir-se rasoavelmente sobre nenhum d'elles. Deviam-se rebater todos; e não se querendo apressar em contrictos voltar á fé, aos seus salutarees ensinios, têm-se visto obrigados a concluir que nada se sabe com relação á *Causa Primeira*. Mas não saber nada com relação á causa primeira, é nada saber com relação ás causas segundas; é não saber nada com respeito a cousa alguma: é ser sceptico emfim.

Dá-se o mesmo com relação aos outros *problemas* da ordem intellectual. Não ha um unico do qual se possa dizer que tenha sido resolvido, d'uma maneira definitiva, pela philosophia moderna. Que venha a campo o mais intrepido, o mais ousado dos adeptos d'essa philosophia, que ouse afirmar sem corar, em presença das confissões de M. Jouffroy que bem se podem lêr:

«Graças aos trabalhos dos modernos philosophos, e ás luzes da sua philosophia, sabemos emfim como nos logra-

ram com relação a Deus, ao homem, aos seus destinos e deveres.»

Os trabalhos dos philosophos, as luzes da philosophia não fizeram mais do que substituir por doutrinas negativas, que nada explicam, uma doutrina positiva, solidamente positiva que tudo explicava. Esses trabalhos não fizeram mais do que substituir o real pelo chimerico, o sublime pelo piégas, o saber pela ignorancia, a certeza pela duvida, a razão pelo delirio, as maiores verdadees por erros despreziveis e funestos.

Esses trabalhos não fizeram mais do que juntar uma demonstração nova ao que a experiencia de trinta seculos já tinha demonstrado; que é tal o destino da razão humana que, collocada entre a fé das revelações divinas e o scepticismo, cessando d'acreditar, não pôde raciocinar; que regeitando o que lhe era revelado, não pôde firmar-se mais no que imaginou; que renegando Deus, foi obrigada a renegar-se a si propria.

E' pois por euphemismo, é por anti-phrased que se chamam *racionalistas* os philosophos modernos. O *racionalista* não é realmente mais que um homem que não *raciocina*, um homem que abjurou a razão. O *racionalismo* não é mais que a caricatura da razão, como o philosophismo é a caricatura da philosophia; o pedantismo a da litteratura e o fanatismo a da religião.

Entre os pretendidos sabios dos nossos dias, aos quaes se attribue espirito e sciencia, não encontraremos um unico em estado de produzir idéas nitidas, precisas, sobre Deus, sobre o mundo e sobre o proprio homem. Esses mesmos, d'entre elles, que se vangloriam de ter feito os maiores progressos, na via da verdade, são precisamente os que d'ella estão mais afastados. E' que não se pôde fazer verdadeira philosophia sem a religião, como não se pôde fazer ouro verdadeiro pela alchimia. Os cabalistas modernos do pensamento, não são mais felizes que os antigos cabalistas da materia; acabarão como elles no ridiculo e ao abandono. Ninguem acredita que a posteridade reimprima Kant, Fichte, Schelling, Hegel e os philosophos que os seguiram, enquanto que é reimpresso e até traduzido S. Thomaz. Similhanes adversarios não são pois de recer para a religião em geral. Tanto hoje como sempre, a verdadeira sciencia, a sciencia solida, a sciencia emfim está no catholicismo, é catholica, mesmo entre os protestantes, mesmo entre os que enriquecem as sciencias naturaes. Os verdadeiros sabios pertencem-nos; reivindicamol-os como nobres espiritos para nós, prestando-nos verdadeiros e importantes serviços debaixo do ponto de vista religioso. Mas se, em consequencia de tudo isto, a verdade catholica não pôde perecer e reinará sempre,

emquanto houver homens na terra; succede e succederá sempre que, segundo o formidável oraculo de Jesus Christo, o seu reino, que não é mais que o reino de Deus na terra, muda de lugar, e deixando um povo que se tornou indigno, busca outro que o mereça, transplantando-se para outros lugares.

Auferetur a vobis regnum Dei, et dabitur genti facienti fructus ejus (Math. XXI)

Ora, é para attrahir sobre a velha Europa esse horrível castigo de Deus, que tem trabalhado ha tres seculos, que trabalha mais que tudo, mais que os proprios governos, a falsa sciencia moderna. A' conspiração dos poderosos acaba de succeder a conspiração dos *sabios* contra o Senhor, contra o seu Christo e contra a sua Igreja.

FALCÃO DE LIMA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Iniciação do Soberano Comendador do Templo

(Vid. pag. 233)

Esta gravura representa uma das palhaçadas que a Franc-Maçonaria faz representar aos seus membros. E' uma das *provas* a que submettem os aspirantes ao grau de Soberano Comendador do Templo (grau 27).

A cerimonia da iniciação n'este grau, que tem por fim, no dizer do Ritual, «recordar a condemnação dos Templarios», é a seguinte, segundo narra Léo Taxil nos seus bem conhecidos *Mysterios da Franc-Maçonaria*, cuja edição portugueza pertence ao benemerito editor, snr. Antonio Dourado:

«O neophyto entra na sala enleado como um chouriço; vem isto para lhe ensinar que está ainda sob o jugo das paixões. Deitam-no sob uma padiola; enleiam-no; cobrem-no com um panno mortuario; levam-no aos hombros; fazem-lhe dar assim cinco voltas á sala, abalando-o, e entoam uma prosa funebre, onde se encontra esta passagem: «Oh Mação que, n'um profundo somno, dormes e nada dizes, é mister morrer, é mister á morte vir!» Terminada a procissão, libertam o neophyto das cordas que o prendem, para lhe mostrar a differença que vae d'um escravo a um homem livre, e coroam-no solememente.

Tem, em virtude da sua nova dignidade, direito a conservar em Loja o chapéu na cabeça, e dispensa do catecismo.

Em compensação obriga-se a «obedecer sempre e sem replica ás ordens que lhe forem hierarchicamente transmittidas.»

Ao dar-se-lhe a consagração do grau, faz-se-lhe saber que «se o armam Cavalleiro do Templo e o criam Grande Commendador, é para elle combater pelo triumpho da Maçonaria, para defender as suas doutrinas e manter os seus principios, para fazer a todos justiça por igual, e para substituir a auctoridade e o governo na sociedade profana, quando chegar a occasião, por directos representantes dos interesses livres dos associados, cuja missão consistirá em velar porque se executem as deliberações tomadas pelos Superiores hierarchicos da Ordem.»

Instrução do grau, conforme o Ritual. — «Os trabalhos versam sobre a necessidade de tornar effectiva a responsabilidade dos governantes e garantir os direitos dos governados por via d'uma Côrte Suprema de Justiça, para onde todos possam appellar, não só da fórma, senão tambem da essencia e, n'uma palavra, de todos os actos de qualquer auctoridade que haja lesado os seus direitos.»

A Maçonaria tem-se, effectivamente, pela grande julgadora secreta dos governos e dos povos.»

Publicando estas gravuras, temos em vista, como por varias vezes temos dito, mostrar quam abominanda é a Maçonaria.

A' vista dos factos que vamos narrando, digam-nos todos, com a mão na consciencia, se ha quem seja mais servil e quem mais abdique da razão natural do que os franc-mações.

* * *

A Immaculada Conceição

(Vid. pag. 241)

CUASI tão antiga como a Igreja a crença na Immaculada Conceição de Maria, porque data, pouco mais ou menos, dos tempos apostolicos, havendo quem sustente que dos mesmos Apostolos, um, pelo menos, lançara germens d'essa crença nas regiões, por onde prégo o Evangelho.

A principio, piedoso sentimento, baseado em tão claros, quão incontrastaveis argumentos, em tão instructivos e palpaveis, quão segurissimos raciocinios; logo depois crença arreigada em todos os corações e por toda a parte diffundida; hoje ponto de fé, dogmaticamente definido.

Isto prova-se com antiquissimos documentos irrecusaveis de varias especies e estes presuppõem já a existen-

cia d'esse sentimento nos fieis, são o resultado ou consequencia de ser esta crença professada nos primeiros seculos da Igreja e tinham por fim consolidar-a, illustrar-a, propagar-a mais e mais, e até evitar que a ferissem algumas das primeiras heresias, que indirectamente a atacavam.

Poderiam citar-se mais ou menos em favor d'ella todos os Santos Padres, alguns dos quaes dedicaram traços magnificos das suas doutissimas pennas a exaltarem em Maria a plenitude da graça e a pureza privilegiadissima na sua Conceição.

Famosas academias e celebres universidades, ha muitos seculos que defendiam e juravam defender com glorioso timbre e christão desvanecimento a crença universal de que Aquella em cujo ventre tornou carne por obra do Espirito Santo e vestiu nossa mortalidade o Sol de Justiça, fôra, por singularissimo privilegio, preservada de toda a macula.

As Ordens Religiosas deram em todos os tempos homens eminentes na sciencia e na virtude que sustentaram e encareceram magnificamente de palavra e em seus escriptos esta excelsa prerogativa da Mãe de Deus.

Se queremos tambem a auctoridade dos Concilios, lá temos no quinto seculo da Era Christã e de Epheso, que já a consigna de um modo implicito, conformando-se com o sentimento geral dos fieis; no oitavo, o segundo de Niceia adhire mais explicitamente a esse sentimento; e no deseseis, o de Trento no decreto sobre o peccado original declara expressamente que não é intenção dos Padres d'Aquella Augusta Assembleia incluir a Mãe de Deus n'esse decreto.

Os Vigarios de Jesus Christo sancionaram sempre o culto de Maria sob o glorioso titulo de sua Immaculada Conceição. Nenhum houve que em nada o contrariasse e muitos d'elles o promoveram, augmentaram e estimularam com decretos e outros documentos, emanados da sua auctoridade, mórmente depois que no seculo quinze Sixto IV approvou o officio d'esta festa e regularizou o mesmo culto prestado á Virgem de Nazareth, sob invocação de Immaculada em sua Conceição.

Bateu enfim a hora providencial em que este culto ia ter a mais solemne e esplendida sancção. Pio IX, ouvidos os votos de todo o Episcopado, declarou verdade de fé a Immaculada Conceição de Maria.

D'ahi por diante a devoção á Mãe de Jesus recebeu no coração de todos os catholicos um novo impulso e redobrou o entusiasmo na celebração da Festa annual, que solemnisa e recorda a todos nós que a predestinada *ab aeterno*



A IMMACULADA CONCEIÇÃO

para Mãe de Jesus, a Esposa do Espírito Santo que deu á luz o Filho de Deus, sem dispendio da sua virgindade, foi concebida sem macula original.

Portugal nunca cedeu talvez a nenhuma nação em devoção á Santa Virgem sob o titulo da sua Immaculada Conceição, e na confiança em seu patrocínio invocado sob o mesmo titulo.

Proclamam-no dezenas de parochias que a teem por Padroeira sob este titulo, centenares de templos, de capellas e de Sanctuarios, levantados, na maior parte, pelos cumes das montanhas, como penhor eterno de que os portuguezes a constituíram sua Protectora e principalissima Padroeira. Até a alguns dos nossos mais gloriosos feitos d'armas, especialmente dos que se levaram a cabo em prol da independencia do paiz, está eternamente vin-

culada a devoção com a Senhora da Conceição.

A festa que celebrará a Egreja Catholica no dia 8, é ha seculos, assim em todo o orbe catholico, como entre nós, é ainda hoje e sel-o-á sempre uma das mais sympathicas solemnidades entre as que na Egreja podemos chamar classicas.

Nas cinco partes do mundo resoam milhões de canticos e d'hymnos em honra de Maria!

Este doce nome é amado, querido, venerado, proferido e entoado por milhões e milhões de vozes innocentes e puras que se associam á Egreja Triumphante para glorificar a mãe de Deus!

A humilde Virgem de Nazareth disse esta palavra sublime: *Beatam me dicent omnes generationes: Todas as gerações me chamarão bemaventurada!*

Ha dezenove seculos que a palavra

da Rainha dos Prophetas recebse o maior litteral e rigoroso cumprimento, a mais assombrosa realisação, porque Ella é a maior de todas as creaturas, porque é a Mãe de Deus, porque foi Immaculada na sua Conceição.

RETROSPECTO

Os candidatos catholicos a deputados

Não vingaram as candidaturas catholicas no Porto e em Vianna do Castello, porque os agentes da auctoridade as guerrearam implacavelmente, roubando a votação aos catholicos, fazendo ameaças aos eleitores, e valendo-se, emfim, de todos os meios, até os mais condemnaveis, para impedir o triumpho dos candidatos dos Centros do Porto e Braga.

Materialmente os catholicos ficaram derrotados, mas moralmente venceram, porque, apesar de todas as tropelias, tiveram uma votação honrosissima.

No districto do Porto tiveram esses candidatos, apesar dos roubos da votação e das ameaças, mais de 6:000 votos e venceram em algumas assembleias.

Em Vianna não sabemos, á hora a que escrevemos, a quanto subiu a votação dos candidatos catholicos: mas sabemos que, apesar de todos os escandalos, em algumas assembleias os candidatos catholicos obtiveram uma grande maioria.

Podem estar satisfeitos os catholicos do Porto e de Vianna, porque, se não venceram, ninguém lhes pôde tirar a gloria de terem obtido para os seus candidatos uma votação honrosissima.

N'esta occasião viu-se que os catholicos tem força: o que falta é disciplinal-a.

Mãos á obra, que as benções de Deus não faltarão.

O futuro será dos catholicos, se souberem e quizerem trabalhar pelo triumpho da causa da Igreja e pela prosperidade da Patria.

Fallecimento do sr. Bispo de Lamego

Falleceu na sua casa de Figueiró da Lixa, o sr. D. Antonio da Trindade de Vasconcellos Pereira de Mello, decano dos Bispos portuguezes e Bispo de Lamego. D'uma virtude exemplar, o seu nome era por todos respeitado e por todos muito querido.

Eis alguns traços biographicos do finado:

Nasceu na freguezia de Santa Christina de Figueiró, concelho de Amarante, a 28 de agosto de 1812 e era filho de Antonio de Vasconcellos Pereira de Carvalho Carneiro e Mello e de D. Thereza de Jesus da Cunha Souza e Silva.

Sentindo vocação para a vida religiosa e tendo feito com muito aproveitamento, na casa paterna, os primeiros estudos, entrou na congregação de Santa Cruz de Coimbra com seu irião D. Rodrigo em 20 de março de 1830, professando a 7 de abril de 1831.

Extinctas em 1834 as Ordens religiosas, foi um dos ultimos a deixar o seu convento, conseguindo conservar-se ali ainda algum tempo depois de posto em execução o decreto da extinção.

Recollendo-se depois á casa paterna, continuou a dedicar-se á cultura das lettras e sciencias, até que em 1841 se matriculou na faculdade de theologia, ordenando-se de presbytero em 1843 e formando-se em 1845, após um curso muito distincto.

Durante a formatura o conde de Tereza, então reitor da Universidade, encarregou-o de formular um projecto de reorganização e restauração do culto na capella d'aquelle estabelecimento, o qual foi approved pelo governo. Foi tambem elle quem redigiu os estatutos disciplinares dos capellães d'aquelle capella.

Tendo regressado á casa de seus paes depois de formado, foi, a convite do Cardeal Patriarcha D. Guilherme, nomeado secretario particular d'este notavel Prelado, em 2 de julho de 1849, exercendo o mesmo cargo até á morte do Patriarcha, em 1857.

Nesse periodo de tempo, juntamente com as funções de secretario, regou até 1853 diversas cadeiras de theologia no paço de S. Vicente, até que o curso theologico passou a professar-se no Seminario de Santarem; exerceu desde novembro de 1849 os cargos de examinador pro-synodal e desembargador da Relação e curia patriarchal; em 1850 foi apresentado n'um canonicato da Sé de Lisboa; em 1854 agraciado com a commenda de Christo e nomeado juiz supplente da secção de recursos pontificios; e acompanhou no mesmo anno de 1854 o Cardeal Patriarcha a Roma, sendo ali agraciado pelo Papa com o titulo e honras de seu camarista secreto supranumerario.

Desempenhou brilhantemente muitas commissões de serviço relativas á escolha de compendios para o Seminario de Santarem, á reorganização do mesmo Seminario e a muitos outros importantes assumptos

Em janeiro de 1859 foi nomeado vigario capitular da Sé primacial de Góia, e a 11 de maio do mesmo anno apresentado Arcebispo da mesma diocese. Antes de ser confirmado foi, em 22 de outubro de 1860, apresentado para a Sé de Beja, sendo confirmado a 18 de março de 1861 e sagrado a 26 de maio do mesmo anno.

Por essa occasião tomou assento na camara dos pares e governou aquella diocese até que, depois de apresentado, foi confirmado Bispo de Lamego, em 1 de outubro de 1863, diocese que governou até agora, tendo tido nos ultimos dez annos como seus coadjutores com futura successão o fallecido Arcebispo de Larissa e o distinctissimo Prelado que agora lhe succede.

Como par do reino, o sr. D. Antonio Trindade discursou algumas vezes na camara, sempre em defeza dos interesses da religião.

O venerando Prelado era muito considerado pelo augusto chefe da Igreja, a cujo convite duas vezes foi a Roma, depois de Bispo, em 1867, sendo por essa occasião nomeado Prelado assistente ao solio pontificio, bem como

eleito por unanimidade socio da Academia de Religião Catholica, tomando em 1869 assento no concilio do Vaticano. N'essas visitas a Roma teve diversas audiencias particulares do Pontifice Pio IX, que sempre se lhe mostrou carinhoso e dedicou espezias attentões, concedendo-lhe muitas graças e deferindo todas as suas petições.

Como Bispo, foram de sua iniciativa as reorganizações dos seminarios de Beja e de Lamego. Em Beja não pôde levar a cabo todo o seu plano, porque o tempo não lhe chegou para isso, visto ter-se demorado pouco n'aquella diocese. Em Lamego, porém, creou a maior parte das cadeiras theologicas e as de estudos preparatorios, achando-se desde 1865 regular e completo o curso de theologia e desde ha annos o outro curso.

Durante o seu episcopado foi o sr. D. Antonio da Trindade desvelado protector de duas utilissimas instituições de Lamego, o Asylo da Infancia Desvalida e o Monte-piados Artistas. Cooperou na fundação do primeiro, do qual foi muitos annos presidente; o segundo deve-lhe mais que a ninguém a sua manutenção, e exclusivamente a sua conservação n'uma occasião de crise financeira, que só pôde ser debellada por effeito da generosidade do Prelado.

Descance em paz o benemerito Prelado!

Victoria das tropas portuguezas

O governo recebeu no dia 19 de novembro o seguinte telegramma do governador de Lourenço Marques, participando mais uma victoria das tropas portuguezas:

«Lourenço Marques, 19, ás 10 h. e 50 m. da manhã.—Ministro da marinha, Lisboa.—Acaba de chegar do Limpopo o vapor «Neves Ferreira», que traz a jubilosa noticia de que as nossas forças da columna de Inhambane entraram, em 11, em Manjacaze, destruindo e queimando o kraal do Gungunhana. Esta noticia foi transmittida ao comm'ndante da lancha «Capello», no Limpopo, em nota do coronel Gallardo, que informa que o Gungunhana fugiu; a columna regressava a Chicombo, as populações de ambas as margens do Limpopo pediram vassalagem. Os valentes commandantes das lanchas canhoneiras «Neves Ferreira» e «Capello», que avassalaram já o regulo Chai-chai, continuam as vassalagens. Felicito Sua Magestade, o governo e o paiz por mais este brilhante feito.—Governador.»

Esta noticia encheu de contentamento todo o paiz. Todas as cidades e villas de Portugal celebraram esta boa nova com missas e *Te-Deum*, a que se associaram todas as classes sociaes.

Ainda não está morto o patriotismo nos corações portuguezes!

Associando-nos á alegria geral, bradamos tambem:

—Viva o brioso exercito portuguez!

—Viva a nossa valente marinha de guerra!

Fallecimento do conselheiro Martens Ferrão

Falleceu no dia 15 em Roma o snr. conselheiro João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens, que exercia o cargo de ministro de Portugal junto do Vaticano.

O snr. Martens Ferrão tinha 71 annos de idade.

Como juriconsulto foi dos mais distinctos que sahiram da universidade de Coimbra.

Ha já bastantes annos que occupava o lugar de embaixador de Portugal junto do Vaticano.

Foi deputado em muitas legislaturas e ministro em differentes situações.

Era muito estimado em Roma pelas suas qualidades.

Uma prece por alma do finado.

Noticias da India

As *Novidades* inserem a seguinte curiosa correspondencia de Gôa:

«Gôa, 31 de outubro.—Acabo de assistir no caes dos vice-reis, em Velha Gôa, á partida dos nossos soldados para Sanquelim, onde os revoltosos de Nannuz já levaram as suas correrias e latrocinios.

O annuncio da chegada a Bombaim da canhoneira *Rio Lima*, como vanguarda de reforços mais importantes, tirou todos os receios pela segurança da capital; e o capitão Gomes da Costa, sub-chefe do estado-maior, tratou logo de aproveitar a impressão moral d'este facto, para dar uma lição aos revoltosos, sem esperar pela chegada d'esses reforços.

O que aqui se tem passado, e o modo justo como o governo de Lisboa appreciou os acontecimentos e as respectivas responsabilidades, tirou toda a força e prestigio ao governador demittido; mas ainda assim é preciso fazer-lhe um elogio, que em parte attenua a gravidade das suas culpas. Desde que viu ser necessario obedecer a novo rumo, entregou-se inteiramente nos braços do capitão Gomes da Costa, que é quem tem sido a alma da defeza e da organização militar, e que em pouco tempo pôz Gôa em estado de resistir ao ataque dos revoltosos e organisou a columna com que os vae procurar ao seu entro.

Tudo quanto se diga em louvor d'este energico e valente official será pouco para lhe exaltar os merecimentos e galardoar os serviços. O exercito deve

inscrevel-o entre os seus mais benemeritos e ornamentos.

A canhoneira *Rio Lima* entrou esta manhã a barra, e, posta assim em seguimento a defeza da capital, a expedição partiu no mesmo dia. A expedição é composta como verá da *ordem da força armada*, n.º 18, que com esta lhe envio. Vão todos os officiaes europeus do extinto batalhão, todos os officiaes em commissão, o corpo de policia, que até hoje se tem conservado fiel, e os restos do batalhão sublevado.

A aventura é arriscada. Se os soldados debandam, e a policia se bandeia, o que pôde receiar-se por causa da homogeneidade de raça, é certa a morte da gente branca.

A columna não pôde, de certo, investir com o forte de Nannuz, que offerece condições naturaes de muita resistencia, e onde ha hoje mais de 3:000 rebeldes. Mas, se reconquistar Sanquelim, á entrada de Satary, já faz um grande serviço, porque livrará Pangim de ameaças insolentes, e todas as provincias fronteiras de Satary das correrias dos bandidos, que ficarão encurralados nas florestas e serranias como lobos, de onde os reforços vindos da Europa os irão desalojar.

Isto pôde fazer-se *agora*, graças á energia do capitão Gomes da Costa, quando ha a lutar já contra alguns milliares de rebeldes; e nada se fez, nem deixou fazer, quando o mesmo valente official queria ir em perseguição dos revoltosos, que certamente teria desbaratado, logo que elles sahiram do quartel, e quando não chegavam a 300. Parece que de proposito se esteve a deixar engrossar a rebellião! Não faço considerações, que são superfluas.

Esta columna de operações embarcou em Velha Gôa, porque os soldados marathas, que ficaram fieis, pediram para ouvir missa na igreja do Bom Jesus, no altar de S. Francisco Xavier. Não é curioso e significativo? Os soldados assistiram com a maior devoção áquelle acto religioso, e receberam escapularios, que lhes foram dados pelas Irmãs trinas. Prégou, á missa, o Jesuita Padre Azevedo, exhortando-os á lealdade para com a metropole e o rei. Parecia, ao passar a tropa por baixo do arco dos vice-reis, que os gloriosos tempos resurgiam.

Ah! que esta India podia ser ainda uma joia fulgurantissima da corôa portugueza, se não fôra a funesta politica, que veio aggravar dissensões e cobiças e a intriga d'uma seita infernal, verdadeira seita *negra*, que nos ultimos annos se tem enroscado nos nossos governos para minar o credito e o prestigio do elemento europeu, e da qual é actualmente representante em Lisboa o *Banana*, como aqui lhe chamam, ou

o *cobra de capello*, como lhe chamo eu, pela pegonha deleteria, com que tem gangrenado esta terra.»

Monges de Cister

O Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha recebeu noticia de ter fallecido na abadia de Frontfroido o superior dos monges de Cister. Paz á sua alma.

Discurso de Monsenhor d'Hulst

Quando se abriram as aulas do Instituto catholico de Paris, o seu reitor, Monsenhor d'Hulst, dirigiu aos alumnos uma eloquente allocação.

Depois de indicar a desconfiança que se succedeu á entusiastica apologia da virtude civilisadora da riqueza, o eloquente orador enumerou os indicios de uma corrente favoravel á religião, e, entre elles, o facto de terem sido objecto de uma commemoração religiosa os tres centenarios da Escola Polytechnica, da Escola Normal e do Instituto de França, accrescentando:

«A conclusão, meus amigos, é que podeis ser a vanguarda da sociedade de amanhã. Os filhos dos apostatas tornar-se-hão neophytos e, como taes, sentirão a necessidade de amparar a sua fé incerta ainda com a solidez da vossa. Sereis os iniciadores do resurgimento christão que o seculo XX nos prepara...

«São, porém, esperanças apenas.

«Para as transmudar em realidades, o que tendes a fazer?

«Duas coisas tendes a adquirir: a virtude e o saber.

«A virtude em primeiro lugar, e não uma virtude mediocre e vulgar, mas uma virtude modelada pelo ideal cujo depositoguardaes. Essa sociedade doente que de vós se approxima, espera achar em vós o que lhe falta, o que o Evangelho annuncia á terra, o que deve resplandecer na vida dos discipulos de Christo. Se, quando passaes, vos não distinguem á primeira vista dos que não compartilham as vossas crenças, pôde dar-se um grande retrocesso, porque n'este seculo impaciente ajuiza-se mais que nunca das doutrinas pelos que as personificam.

«Ora a virtude é um fructo que não amadurece n'um dia. Quando chega a hora de a mostrar, é tarde para a adquirir. E' agora, é durante esses bellos annos do vosso noviciado de homens que é preciso surprehender e fazer vossos os segredos de coragem moral, de castidade, de bondade, de dedicação que se revelam nos tempos de prova e fazem surgir os heroes do dever e da honra.

«A virtude, portanto, mas a sciencia tambem. Este seculo, que vos pede a virtude que lhe falta, pretende achar tambem em vós o saber, porque o possui e aprecia e não o quer dispensar.

«Lembrae-vos d'essa opção dolorosa que Taine moribundo propunha com tristeza n'uma das ultimas paginas traçadas pela sua mão laboriosa. .

«Hesitante entre os prejuizos do seu grande espirito prisioneiro do positivismo e as generosas aspirações do seu coração, dizia: «Será preciso escolher. Visto que decididamente a moral se não sustenta sem o christianismo, os que o põem acima de tudo devem acreditar com os olhos fechados. E visto que também decididamente os dogmas christãos são inaceitaveis para a razão, os que não puderem sacrificar a sacrifício a sua consciencia.»

«Graças a Deus, meus amigos, é falso este dilemma e de vós depende proval-o. Apoderae-vos do saber, nas vossas almas fecundadas por uma dupla cultura uni estreitamente o valor moral ao valor scientifico, e assim acabareis com essa desoladora alternativa.

«Se vos furtasseis, porém, ao dever do espirito, se ficasseis abaixo da tutela intellectual para que vos convida a Igreja n'estas altas escolas creadas pela sua sollicitude, o sophisma recuperará credito por vossa culpa e as esperanças em vós depositadas desvanecer-se-iam n'uma decepção nova e talvez irremediavel.»

Beatificação

O Santo Padre Leão XIII designou os dias 15 e 19 do proximo dezembro para a beatificação solemne dos Veneraveis Realini, da Companhia de Jesus e Theophilo Dacorte, dos Menores Observantes.

Depois do voto favoravel dos Cardeaes e consultores da Congregação dos Ritos, o Soberano Pontifice ordenou que se promulgasse o decreto sobre as virtudes heroicas do Veneravel Estevão Bellerini, da Ordem dos Agostinhos.

Offertas para a obra da Santa Infancia

No exercicio de 1894-1895 recebeu a Obra da Santa Infancia offertas na importancia de 649:536\$315 reis. O paiz que mais contribuiu foi a Allemanha (199:850\$615 reis), e em seguida a França (196:392\$265 reis). Portugal figura com 4:116\$850. A archidiocese de Braga, só á sua parte, contribuiu com 1:845\$925 reis, mais 433\$500 reis do que no anno anterior.

Os judeus da Palestina

O governo da Turquia publicou um decreto regulando as condições em que os judeus podem ir á Palestina. As medidas tomadas por esse decreto são as mais rigorosas que até hoje teem apparecido nas legislações modernas contra essa raça.

N'elle se determina que só poderão permanecer 30 dias na Palestina os judeus estrangeiros que pretendam visitar Jerusalem, Hebron e o lago de Tiberiades. Ao desembarcarem em Jaffa, devem prestar fiança perante a auctoridade local, promettendo que não se demorarão mais tempo que o marcado na lei; serão obrigados a apresentar como fiador um musulmano que seja cidadão ottomano.

Fraternidade republiceira

La Croix Vendéenne narra o seguinte facto, cuja authenticidade garante:

«Ha dias, uma pobre mulher de Challons apresentou-se ao administrador d'um estabelecimento de beneficencia, a fim de obter remedios para um seu filho doente. Apresentou um bilhete assignado por um dos medicos d'aquella localidade.

Apenas viu a assignatura, o administrador lançou fóra o bilhete como se n'elle estivessem todos os microbios da colera, e, apostrophando duramente a pobre mulher, diz-lhe:

—Não sabe que não damos remedios, quando os bilhetes trazem a assignatura do medico Palvadeau?

—Ouvi dizer isso, replica a mulher, mas não acreditei que alguém se negasse a soccorrer uma miseravel que pede remedio para seu filho doente. E demais, julgo que todos tem direito de escolher um medico da sua confiança.

—Qual direito nem qual liberdade! Fique sabendo que só tem uma liberdade, a de fazer o que nós ordenamos. E os seus filhos não vão ás escolas dos Irmãos?

—Vão, sim, senhor.

—Pois então elles que lhes dêem os remedios. Você é uma clerical.

Já sabemos, commenta a *Croix*, que só tinhamos uma liberdade; parecia-nos porém, difficil que se levasse a impudencia até o afirmar tão categoricamente.»

Que miseraveis!

A maçonaria em França

Os membros do actual ministerio francez, com excepção talvez do snr. Berthelot, estão filiados na maçonaria. A *Lanterne*, jornal maçonico e judaico, narra a recepção do conselho da Ordem do Gr.: Or.: de França pelo snr. Bourgeois, nos seguintes termos:

«O snr. Léon Bourgeois, presidente do conselho de ministros, recebeu hontem ás 7 horas da noite os membros do Conselho da Ordem do Gr.: Or.: de França, que lhe foram apresentados pelo snr. Lucipia, presidente do conselho geral do Sena e do Cons.: da Ordem.

Cumpre-nos lembrar que o snr. Bourgeois é um dos militantes da maçonaria.

ria, á qual tem prestado os mais relevantes serviços.

O snr. Bourgeois não é o unico ministro que pertence á maçonaria; o snr. Doumer, ministro da fazenda, era no anno passado membro do cons.: da Ordem.

O snr. Mesureur, ministro do commercio, é presidente da Gr.: L.: symbolica de França.

O snr. Lockroy (judeu) pertence ha muitos annos á Loja Justiça.

O snr. Guicyne, ministro das colonias, é da loja *Natureza e Philantropia* de Lorient.

O snr. Cavaignac, ministro da guerra, está filiado n'uma loja de Mons.

O snr. Combes, ministro da instrucção publica e o snr. Viger, ministro da agricultura, pertencem ambos a lojas da provincia.

O snr. Bourgeois quiz com esta recepção official do Cons.: da Ordem afirmar claramente o seu sentir, ácerca da maçonaria de França.»

Pobre França, em que mãos caiu!

Syndicato de costureiras e modistas

No congresso dos circulos catholicos realisado em Auch, na França, foi proposta e approvada a creação d'um syndicato de costureiras modistas, d'aquellas que trabalham para os armazens de modas e roupas brancas, em condições bastante penosas e com uma retribuição insignificante.

O referido syndicato tem por fim atender as suas queixas, e, quando seja preciso, pedir o rigor das leis para os commerciantes que abusarem das condições em que se faz esta classe de trabalhos.

Louvamos esta iniciativa.

Boa resposta!

Tendo um Bispo catholico dos Estados Unidos perdido o seu velho cavallo, em que costumava ir visitar a sua vasta diocese, viu-se obrigado a aproveitar uma diligencia, onde, entre outros companheiros de viagem, encontrou um ministro protestante. Este, ao vêr entrar o Bispo, pretendeu humilhá-lo com remosques perante os outros passageiros, e disse-lhe com ares de mofa:

—Parece que vossa reverencia gosta também de viajar nas flacidas almofadas d'uma carruagem! Que é feito do seu cavallo d'outr'ora?

--Morreu—respondeu o Bispo com voz meiga e humilde.

—Pobre animal! E pôde ao menos administrar-lhe os ultimos sacramentos?...

—Não, senhor, era impossivel.

—Ah! e porque?

—Porque elle era protestante.

O ministro não tugiú nem mugiú.